



INFORMATIVO DE MERCADO

FEVEREIRO 2026



MERCADO LOCAL E INTERNACIONAL

No Brasil, o quadro macroeconômico mostra desaceleração ordenada. O PIB deve ter crescido em torno de 2,2% a 2,3% em 2025, com o quarto trimestre praticamente estável na margem. Para 2026, as projeções apontam crescimento entre 1,5% e 1,9%, refletindo menor impulso fiscal e efeitos defasados da política monetária contracionista anterior. Apesar da desaceleração, o mercado de trabalho permanece apertado, com taxa de desemprego próxima de 5,5% a 5,7%, sustentando a renda e o consumo de serviços.

No campo fiscal, persiste o principal vetor de risco estrutural. A projeção de déficit primário gira em torno de 0,8% do PIB em 2026, com necessidade adicional de ajuste para cumprimento das metas estabelecidas. A trajetória da dívida pública segue ascendente, exigindo reformas estruturais a partir de 2027 para estabilização do endividamento e redução sustentável dos juros reais. A percepção de risco fiscal será determinante para a dinâmica de câmbio, juros longos e ativos de risco.

Juros e Inflação: A inflação apresenta trajetória mais favorável. As projeções para o IPCA de 2026 foram revisadas para a faixa de 3,7% a 3,8%, refletindo principalmente o impacto desinflacionário do câmbio mais valorizado sobre bens comercializáveis, como alimentos e industriais. Contudo, a inflação de serviços e os núcleos ainda mostram resiliência, em linha com o mercado de trabalho aquecido e reajustes salariais acima da produtividade. O balanço de riscos para a inflação no curto prazo é levemente baixista, mas permanece dependente da estabilidade cambial.

Esse ambiente de desinflação permitiu a sinalização de início do ciclo de corte da Selic. O mercado já precifica redução de 50 pontos-base na próxima reunião, com taxa terminal projetada ao redor de 12,25% em 2026 e 11,25% em 2027. Ainda assim, o ciclo tende a ser gradual e contido, uma vez que a melhora inflacionária está concentrada em itens mais sensíveis ao câmbio, enquanto a inflação subjacente permanece pressionada. No cenário internacional, os Estados Unidos seguem apresentando atividade resiliente, embora com maior volatilidade decorrente da política comercial. A recente derrubada de tarifas anteriores pela Suprema Corte foi seguida pela implementação de uma tarifa global temporária de 10%, reacendendo incertezas sobre o comércio internacional. Ainda assim, os indicadores de atividade, como ISM e mercado de trabalho, permanecem consistentes com crescimento moderado. Observa-se também rotação setorial na bolsa americana, com melhor desempenho de setores mais defensivos, refletindo preocupações estruturais com disrupções tecnológicas e um ambiente de juros ainda elevados.

A Zona do Euro apresenta crescimento baixo, porém positivo, em meio a um processo gradual de desinflação. A atividade industrial ainda mostra fraqueza, mas o ambiente inflacionário mais controlado abre espaço para políticas monetárias menos restritivas ao longo do tempo.

Na China, a atividade permanece próxima da estabilidade, com PMIs industriais ao redor da linha divisória de 50 pontos, indicando crescimento frágil. O país continua exercendo papel central na dinâmica de commodities e no comércio global, mas sem sinais claros de aceleração robusta.

O que olhar em Março:

Os principais pontos de atenção são inflação, juros e emprego: no Brasil, o mercado olha para a reunião do Banco Central do Brasil (Copom), que está marcada para 17 e 18 de março de 2026 e pode indicar o início de cortes na Selic, além de dados de emprego e inflação que influenciam expectativas. Já nos EUA, o Federal Reserve (FOMC) se reúne em 17 e 18 de março de 2026 para definir a política de juros com base em indicadores de inflação e mercado de trabalho, o que pode impactar mercados e decisões de investimento.

BRASIL | Bolsa

O Ibovespa encerrou o mês de fevereiro com uma alta de 4,09% atingindo os 189 mil pontos. O Ibovespa é uma carteira teórica de ações negociada na Bolsa de Valores (B3), é o principal indicador de desempenho dos investimentos das ações negociadas no Brasil.



BRASIL | Câmbio

A PTAX encerrou o mês aos 5,15 uma queda de 1,54% em relação ao fechamento de dezembro.



S&P | Internacional

O S&P 500 (índice de bolsa americana) encerrou janeiro aos 6.878 pontos. No mês, o índice teve uma queda de 0,87%. O índice S&P 500 é um dos maiores indicadores do desempenho das ações negociadas nos EUA.



Fonte: Globo.com, Infomoney, XP Economia, IBGE, Itaú, Agência Brasil, Valor Econômico, CNN Brasil, IBGE.



Se é Unimed,
é seguro.